

A revista O Cruzeiro: memória e sentido na cobertura da Revolução Cubana (1956-1959)¹

Nara Victória Mercado BATALHA²
Anaelson Leandro de SOUSA³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este texto busca através da memória e discurso verificar a cobertura da revista O Cruzeiro sobre a Revolução Cubana, no período de 1957 a 1959. Utilizamos como metodologia a Análise do Discurso em Jornalismo proposto por Benetti (2008). Dessa forma, buscaremos visualizar as camadas discursiva de narrativas que foram publicadas no Brasil. Os resultados indicam que nos meses que antecederam a consumação da revolução, o seu líder Fidel Castro foi retratado como herói e anticomunista.

PALAVRAS-CHAVE: revolução cubana; revista; memória.

Muita coisa já foi escrita sobre Cuba e sua Revolução, contudo, com o passar do tempo, brechas sempre surgem fazendo com que o tema seja revisitado mais uma vez, acrescentando um ponto a mais em sua vasta bibliografia. O que aguça e nos realiza nesta pesquisa é o desejo imergir no final da década de 1950 para analisar melhor como a comunicação foi utilizada no processo pré-revolucionário cubano.

¹Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

²Graduanda do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, Uneb, Juazeiro, Campus III, membro do grupo de pesquisa Rádio e Revolução no século XX nos impressos brasileiros, e-mail: n.victoriabatalha@gmail.com

³Orientador e professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, Uneb, Juazeiro, Campus III, Coordenador do grupo de pesquisa Rádio e Revolução no século XX nos impressos brasileiros, e-mail: anlsouza@uneb.br

De início, a constituição do *corpus* desta pesquisa foi facilitado pelo trabalho da Biblioteca Nacional, ao disponibilizar digitalmente parte de seu material armazenado sobre a imprensa periódica brasileira, no século XX. Considerando que tais documentos concebem um lugar privilegiado, conforme Nora (1993), como "lugar de memória". Examinaremos Revolução Cubana, em seu período pré-revolucionário nas páginas na revista O Cruzeiro. Utilizamos como método a Análise de Discurso em Jornalismo (BENETTI, 2008), com enfoque na produção de sentido, no período de 1956 a 1959.

De acordo com Lage (1982), a mídia revista reflete sempre uma proposta discursiva construída socialmente. Por outro lado, ele afirma que sua existência é marcada pela contínua adaptação aos aspectos emergentes da sociedade. “Isto é fácil de constatar folheando velhas publicações periódicas”. Lage aponta a relação que a publicação mantém com a memória: “mais do que superadas, qualquer revista antiga guarda um aspecto reminescente, nostálgico, que reflete valores, pensamentos e aflições de tempos idos” (1982, p.87).

Qualquer lembrança deve levar em conta que tal atividade comporá a memória individual e coletiva. Halbwachs (2013) mostra que as duas memórias se interdependem constantemente, ou melhor, que a memória individual apoia-se na coletiva para precisar alguns dados, considerando assim que “um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente de fazer apelo às lembranças dos outros” (2013, p. 54).

Halbwachs afirma ainda que "é no processo de interação social que acontece a formação da memória coletiva, cujo conteúdo é capaz de representar o conjunto de membros que a construiu", e faz a seguinte ressalva: "o fato de estar incluso em uma coletividade não cessa o aparecimento da individualidade dos componentes" (2013, p. 51).

Bosi (1994) vai na mesma linha de pensamento quando afirma que o modo de lembrar é tanto individual quanto social. Ela afirma que por mais que o grupo transmita, retenha e reforce as lembranças, “o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique” (BOSI, 1994, p. 31). Esse significado só tem validade quando o lembrar vai além do reviver, mas principalmente quando “refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no

conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (1994, p.55).

O jornalismo de revista é o objeto que trataremos como lugar de memória (NORA, 1993). Mesmo que a aparência da publicação seja puramente física ou digital, esse lugar de memória só será constituído se a imaginação o investir de aura simbólica.

O formato revista acompanha a própria história do jornalismo, mas é no período de pós-guerra que ela se tornará mais atraente e influente, com modernos projetos gráfico-editoriais. Vogel considera importante o visual da revista quando analisa a sua montagem: “São as imagens do mundo sendo agrupadas em uma dinâmica própria”.

As imagens que uma revista apresenta trazem sempre sentidos em carga. Ou seja, sempre um acionamento de arquivos: imagens em associação, em confronto, em composição, e imagens do noticiário, do cotidiano vivo, operadas junto a imagens da experiência e da memória, verbais ou pictóricas, coisificadas ou mentais, conscientes ou não conscientes, públicas ou individuais (2013, p.18)

Vogel, em seus estudos associa sem maiores dificuldades os temas atualidade e memória. Para ela o tempo ganha espessura na medida em que nele se distingue o que carrega do passado e o que projeta ao futuro. O contemporâneo passa também pelo exercício crítico da imaginação e da memória. Em sua sua definição, revista é uma súmula de imagens, é um arquivo do contemporâneo, porque não é apenas uma tela plana:

folheia-se, as imagens ali agrupadas se reorganizam nesse passeio, mesmo que remontadas a partir de um primeiro conjunto de atualidades. Há sempre essa justaposição e contraposição de imagens que exercitam a imaginação e a memória. Quando se diz da imagem, diz-se das formas verbais que operam com imagens em nossa memória, em (2013, p.19).

Schwaab (2013) considera a revista como um dispositivo jornalístico muito elaborado, capaz de promover mediações sobre diferentes dizeres. Outro atributo simbólico da revista é a instituição de relevância a um conjunto de fatos e assuntos. “ a revista oferta modos de conhecer a atualidade, informa e quer orientar sobre a nossa temporalidade complexa (p.58).

A revista também pode ser observada a partir de sua narrativa, e para Benetti

(2013) o jornalismo de revista tem como característica contemplar um leque variados de temas. Para ela, inicialmente, as revistas buscam tratar de acontecimentos mais importantes da semana, abrangendo fatos políticos, econômicos, internacionais, entre outros. Os diferentes temas e o que é escolhido como manchete de capa não são definidos pela periodicidade alargada da publicação.

O acontecimento que “ganha” a capa de uma revista semanal de informação geral é o movimento de uma série de movimentos: houve investimento de reportagem, a percepção do veículo de que aquele tema é importante para o leitor, o acontecimento foi recebido pelos editores como pleno de potencialidades de tratamento verbal e não verbal. (Benetti, 2013, p.52)

Esse apontamento mostrado acima foi importante para constituição do *corpus* de nossa pesquisa, pois no período compreendido entre 1956 a 1959, buscamos nas páginas da revista O Cruzeiro as narrativas que fossem produzidas a partir de investimento da própria publicação, e que recebesse pelos seus editores a condição de manchete. Encontramos, no entanto, duas edições que evidenciaram a Revolução Cubana, em seu período pré-revolucionário, com destaque em capa: a edição nº 16, de 3 de maio de 1958; e a edição nº 30, de 31 de janeiro de 1959. Fazendo uso da metodologia proposta (BENETTI, 2008), procuramos dar conta da produção de sentido nos textos selecionados.

Levamos também em consideração o que observa Vogel em relação as temporalidades:

Numa revista ocorre um encontro de temporalidades mistas e heterogêneas: os tempos dos acontecimentos factuais, os tempos de produção da revista, os tempos da leitura. Quando se empreende uma leitura crítica da revista, entra em cena a temporalidade do analista, do observador (2013, p.20).

Essa temporalidade do observador foi o que nos levou a empreender tal pesquisa, considerando os sentidos extraídos de seu discurso.

Revolução Cubana

Podemos historicizar os antecedentes da Revolução da seguinte maneira: em 1952, Fulgencio Batista torna-se outra vez presidente Cuba através de um golpe militar, seu governo foi baseado em violência, forte repressão contra quem se declarava contra e corrupção; No ano seguinte, no dia 26 de julho, Fidel Castro e outros companheiros realizaram uma série de ataques cujo o epicentro foi o quartel Moncada, em Santiago, oriente cubano. O ataque acabou fracassando, com saldo de mortes para governo e rebeldes; Fidel, um dos sobreviventes, foi preso e condenado a 15 anos. Na prisão, escreveu o manifesto “A história me absolverá”; Anistiado pelo próprio Batista, exilou-se no México, e reorganizou o seu movimento até o ano de 1955, com vários outros revolucionários também exilados, como seu irmão Raul Castro, Camilo Cienfuegos e o argentino Ernesto Che Guevara.

Em território cubano, o grupo de Fidel, apesar de sofrer muitas baixas, conseguiu se instalar na porção oriental da ilha, em Sierra Maestra. Após o anúncio da execução de Fidel Castro e seus companheiros, o líder da guerrilha facilitou a entrada de jornalistas estrangeiros para desmentir a notícia de sua morte.

Poucos jornalistas conseguiram subir a Sierra Maestra para acompanhar de perto a zona de operações da guerrilha,. A revista O Cruzeiro venceu o desafio e conseguiu adentrar o quartel general do Comandante em Chefe, Fidel Castro. O repórter Carlos M. Gutierrez foi o primeiro sulamericano a fazer parte do seleto grupo de jornalistas a conseguir tal feito. As principais fontes notícias provenientes de Cuba eram das agências United Press International (UPI) e a Associated Press (AP), que no percurso da guerrilha apresentaram contradições. O investimento de O Cruzeiro conseguiu mostrar ao mundo como o movimento cubano estava forte e organizado.

“Fidel Castro evita falar sobre o futuro programa político do Movimento”. É assim que o repórter e correspondente uruguaio, Carlos Maria Gutierrez mostra intimidade com o líder rebelde, na edição nº 16 de O Cruzeiro, em 3 de maio de 1958. Ao longo da entrevista, concedida após uma cansativa viagem de 8 dias, entre vales e montanhas, ele escreve que Castro sempre procura deixar claro que não está recebendo ajuda da União Soviética desde o começo do M26 – Movimento Revolucionário 26 de Julho.

O próprio Gutierrez testemunha, as armas e ajuda que os rebeldes receberam eram roubadas das bases do exército do ditador Fulgencio Batista, e o auxílio recebido

vinham da própria população camponesa, os guajiros.

Discurso e metodologia

De acordo com Charaudeau (2006) existem três categorias de modos discursivos produzidos a partir dos acontecimentos: os relatados, comentados e os provocados. A modalidade presente em nosso trabalho visualiza os acontecimentos relatados, pois este é o gênero predominante nos jornais e revistas. Esses textos estão dentro da perspectiva de Maingueneau (2005, p. 53) quando alega que o discurso se desenvolve no tempo, de maneira linear, e destinada a algum lugar, pois estas são as características do próprio jornalismo.

O tema Revolução Cubana pode ser entendido como um fenômeno social com vários fatos produzidos no espaço público “cuja combinação e/ou encadeamento representa, de uma maneira ou de outra, uma desordem social ou um enigma no qual o homem está implicado” (Charaudeau, 2006, p. 221).

Esse entendimento preliminar do discurso nos leva aos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso em jornalismo, que Benetti observou muito bem quando diz que um discurso é produzido “não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê (2008: 108).

É preciso visualizar a estrutura do texto, compreendendo que esta estrutura vem “de fora”: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. A conjunção de forças que compõem o texto nem sempre é aparente – diríamos mesmo que raramente é visível por si mesma, e só o método arqueológico do analista do discurso pode evidenciar esta origem (BENETTI, 2008, p. 111).

Para Benetti (idem) podemos iniciar a análise a partir do texto jornalístico observando os movimentos que indiquem uma formação discursiva (FD). Segundo Benetti uma formação discursiva é uma região de sentidos circunscrita por um limite interpretativo. Após a identificação da formação discursiva (FD) é necessário reunir em

torno dele diversos pequenos significados que constroem e consolidam o seu sentido nuclear (2008, p. 112).

Para fins metodológicos chamaremos esses significados de marcas discursivas que serão identificadas nas sequências discursivas (SD). Seleccionaremos, em seguida, os trechos que serão recortados arbitrariamente para compor a análise, conforme tabela 1. As marcas discursivas são as expressões que constroem o caminho para da formação discursivas (FD) e serão assinaladas em negrito para melhor visualização.

TABELA 1

Reportagens selecionados entre 1956 e 1959 na revista O Cruzeiro

Título	Autor	Edição	Data	Páginas
Com Fidel Castro na “zona da morte”	Carlos M. Gutierrez	nº 30	03/05/1958	92-98
As duas faces da libertação de Cuba	Luciano Carneiro	nº 16	31/01/1959	40-48

Fonte: os autores

Identificamos dois tipos de formação discursiva (FD): 1 - Socialismo e Capitalismo; 2 - Vilão e Herói.

FD 1 Socialismo/Capitalismo

SD 1

Fidel Castro evita falar sobre o futuro programa político do Movimento. Compreende-se a Direção Nacional do Movimento tem doze membros. Além disso, é preciso não comprometer o sucesso das gestões, que se fazem junto ao Departamento do Estado, para convencê-lo a retirar apoio dado a Batista. Essa tarefa, tão importante quanto as guerrilhas em solo cubano, compreende três pontos básicos: dar aos norte-americanos a certeza de que **o Movimento nada tem de comunista**; assegurar-lhe que é de índole nacionalista-democrática; garantir-lhes que, em caso de triunfo, Cuba **permanecerá no campo das nações ocidentais** em relação à guerra fria.

Formação Discursiva FD 2 (herói/vilão)

SD1

Depois de três anos de ausência, desde a famosa carta de 7 de julho de 1955, combatendo nas montanhas, vivendo a existência de “maquis”, Fidel Castro, de **barba lendária**, voltou à sua querida Havana. Foi um “rentrée” que teve **moldura de apoteose**. Nunca houve, talvez, em nenhum outro país no mundo, aperto de mão mais caloroso e compreensível entre **um herói** e seu povo.

SD 2

Sim, a nobre alma cubana vibrava como nunca. As ruas de Havana viviam seus maiores momentos de entusiasmo e alegria – uma alegria que **Fulgencio Batista havia represado durante anos** através de seus “chibatos” e pequenos Himmlers tropicais, como por exemplo, aquele famoso Major Jacinto Garcia Menocal, dono de cavalos selvagens especialmente amestrados para despedaçar, em seus currais, os prisioneiros que se recusavam a falar. Ou como aquele Chefe de Polícia – Pilar Garcia – que não desejava prisões – “**Quero mortos!**” Agora, com Fidel Castro, surgia um **novo e radioso dia**. Havana, de braços para Deus, **saudou seu libertador**. Um **herói** tranquilo de barba negra.

SD 3

Três anos e meio tinham passado. Agora, Fidel Castro é o **herói nº 1 de sua pátria**. Havana o recebeu como talvez nenhuma outra cidade americana haja, jamais recebido um **filho querido**. Por onde andava, a multidão o seguia.

SD 4

O povo, ao seu redor, parecia em pânico. “Fidel! Fidel!” os homens **sorriam** e as mulheres **choravam**. Fidel confiava a barba e **respondia tudo** com palavras de **carinho**, com paciência, muita paciência.

SD 5

- Sabe, Capitão, não se trata de vingança. Sim de **justiça**. Enquanto fazíamos uma guerra limpa, **cuidávamos dos inimigos** feridos e soltávamos os prisioneiros, eles matavam brutalmente nossos prisioneiros e mandavam bombardear populações

civis e torturavam 20.000 cubanos.

SD 6

O que matou o governo de Fulgencio Batista não foram os desmandos administrativos. **Foi a crueldade.** Mais do que isso: a bestialidade. Neste **setor negro**, Cuba de Batista superou todos os recordes mundiais de violência. Bateu mesmo a famosa Gestapo de Hitler. (...) Era assim o regime de Fulgêncio Batista. Um regime tipicamente policial que transformou Cuba num imenso **campo de concentração** (...).

No FD 1, a SD1 (Socialismo/Capitalismo) encontramos afirmações que diante da Guerra Fria, deu tranquilidade aos países alinhados aos Estados Unidos. Esse discurso utilizado por Castro ocorreu no sentido de inibir alguma ação do governo norte-americanos. Essas premissas tidas como verdadeiro, por conta de sua trajetória política e ideológica conhecida em toda Cuba. Em sua militância, Fidel era um crítico do Partido Comunista Cubano. Esse alinhamento com os países ocidentais foi um desejo de início que não foi materializado em sua plenitude nos meses seguintes.

Na FD 2 (Herói/Vilão) a SD1 dá-se ênfase no retorno de Fidel Castro a Havana, com uma moldura de apoteose, que significa promover uma pessoa ao status de uma divindade, quase tornando Fidel um deus, não apenas um herói, como diz em seguida, quando ele aperta mão de cidadãos cubanos, que o recebem com entusiasmo. A SD 2 deixa claro que Fidel trouxe um novo dia a Cuba, após um longo período de escuridão e violência, Castro pode reviver o país com luz e esperança, com liberdade. Em contraponto surge a figura do algoz, do vilão, aquele responsável pela infelicidade do povo. Fulgencio Batista e seus comandados são agentes da violência, que desejam mortes, como se a luta fosse revestida de vingança.

Castro é mais uma vez chamado de herói no SD 3, tornando-se o filho mais querido de Cuba e o mais bem recebido, em qualquer país ou cidade que seja, nenhum lugar jamais aclamou e elevou tanto uma única pessoa. É o grande comandante da revolução

O pânico citado no SD 4 não é de medo, mas um pânico em ver o seu herói, que finalmente passava, um pânico similar ao nervosismo de ver finalmente o seu ídolo pessoalmente, a ansiedade. Fidel os recebe e responde tudo com carinho, características de um herói, sempre paciente, carinhoso e respeito com o seu povo.

As SD 5 e SD 6, apresentam um contraponto entre o tratamento dado pelos rebeldes e governo; enquanto o primeiro **cuidava dos feridos**, o outro era dado ao extermínio (**crueledade, negro, campo de concentração**). No texto, os guerrilheiros são colocados como soldados que estão do lado do bem, agindo como Cruz Vermelha, sem desprezo pelos inimigos, enquanto o governo é demonizado, cujas práticas se assemelham aos métodos do Nazismo, na II Segunda Guerra.

A busca por justiça é uma das maiores características de um herói. Fidel não trata e não vê como vingança o fato de matar os torturadores da ditadura de Fulgencia, é justiça. E não uma justiça para ele, mas uma justiça para o povo cubano, uma justiça para o país. Neste trecho de sua conversa com o Capitão-Auditor da Marinha, Mario Colóm d'Ávilla, Fidel ainda dá ênfase em como mesmo sabendo que estavam em uma guerra, tentava travar de maneira mais limpo, até mesmo cuidado dos feridos inimigos que tornava prisioneiro, soltando-os depois, o que o seu inimigo – o exército de Batista – nem cogitava em fazer.

Percebemos com isso que as narrativas produzidas pelos repórteres brasileiros, enviados pela revista O Cruzeiro, deixaram transparecer, de forma direta, a construção de um herói que ao encarnar o papel de grande líder revolucionário, recebeu o carinho e admiração do povo. Outro ponto marcante é a sua independência em relação à conjuntura mundial estabelecida e marcada pelo bipolaridade Socialismo/Capitalismo. Fidel Castro ganha grandeza ao ser portador de uma pseudo-neutralidade inusitada para a realidade latino-americana.

Ao longo de reportagens e artigos de opinião, publicados entre 1958 e 1959, sempre há uma louvação a Revolução Cubana e ao Fidel Castro, muitas vezes referidos como heróis e bravos guerreiros, como visto anteriormente. Também, a enfática violência e sangue frio de Fulgencio Batista, visto como inimigo do povo.

A revista O Cruzeiro construiu seu discurso influenciado pela ideia de nacionalismo caribenho da romântica revolução. Fidel e seus comandantes conseguiram veicular uma imagem de que era possível, ao não estar alinhado com qualquer lado, que somente a luta armada poderia afugentar a tirania de seus país - tese que causava querelas entre as potências socialistas da época, e dividia partidos comunistas no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Foi uma leitura de momento que não perdurou nos próximos 48 meses de revolução.

Este exercício de pesquisa procurou mostrar que a revista como lugar de

memória (Nora, 1993) é um espaço aberto para reinterpretções. O final da década de 1950 foi marcada por ventos de entusiasmos e novidades, em Cuba com sua revolução peculiar, e no Brasil, com a política desenvolvimentista do governo federal. A revista *O Cruzeiro* estampou bem o discurso da esperança, e de momentos que não resistiram as reviravoltas da década seguinte.

Referências

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: Frederico de Mello Brandão Tavares; Reges Toni Schwaab. (Org.). **A revista e seu jornalismo**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2013, v. 1, p. 44-57.

_____. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudio; BENETTI, Marcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Luciano. As duas faces da libertação de Cuba, revista **O Cruzeiro**, 31 de janeiro de 1959, ano 31, nº 16, p.40-48.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

GUTIERREZ, Carlos Maria. Com Fidel Castro na “zona da morte”, revista **O Cruzeiro**, 3 de maio de 1958, ano 30, nº 30, p.92-98.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 4a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História. trad. Yara Aun khoury. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

SCHWAAB, Reges. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: Frederico de Mello Brandão Tavares; Reges Toni Schwaab. (Org.). **A revista e seu jornalismo**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2013, v. 1, p. 58-75.

VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e sua anacronias. In: Frederico de Mello Brandão Tavares; Reges Toni Schwaab. (Org.). **A revista e seu jornalismo**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2013, v. 1, p. 17-28.